

# DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UNICAMP

## IEL - Instituto de Estudos da Linguagem

## Departamento de Lingüística Aplicada

autora: **Marina Gama Cubas da Silva** (Bolsista PIBIC/CNPq); orientadora: **Terezinha de J. Machado Maher**

palavra-chaves: **Variedade Sociolingüísticas - Preconceito Lingüístico - Formação de Professores**

### INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada analisou os discursos produzidos por licenciandos do último ano de Pedagogia da UNICAMP com o objetivo de examinar as representações que esses alunos constroem acerca de diferentes variedades da língua portuguesa e das identidades dos falantes dessas variedades. Através desse procedimento, pretendíamos verificar se nas representações feitas havia a presença de preconceito lingüístico entre os licenciandos em questão.

### METODOLOGIA

De modo a responder às questões de pesquisa, entrevistamos 20 alunos do último ano do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNICAMP. As entrevistas com os sujeitos de pesquisa foram feitas após a exposição de cada um dos entrevistados a 3 diferentes falas espontâneas, gravadas em áudio. São elas:

- (1) um falante cuja fala coincidissem com o que o senso comum identifica com um “mau português”;
- (2) um falante cuja fala poderia ser classificada como estando no meio do continuum “português culto” e “português errado”;
- (3) e um terceiro falante, cuja fala refletisse o que normalmente se classifica como “português culto”.

Para eliciar a representação dos licenciandos acerca das identidades dos falantes de cada uma das amostras, bem como da variedade sociolingüística do português nelas presente foi-lhes solicitado que descrevessem o modo como imaginavam ser o falante da amostra em questão. Em seguida, pedimos que falassem alguns dados pontuais como idade, profissão etc. e, por fim, pedimos que os sujeitos de pesquisa comparassem as três falas de diferentes formas.

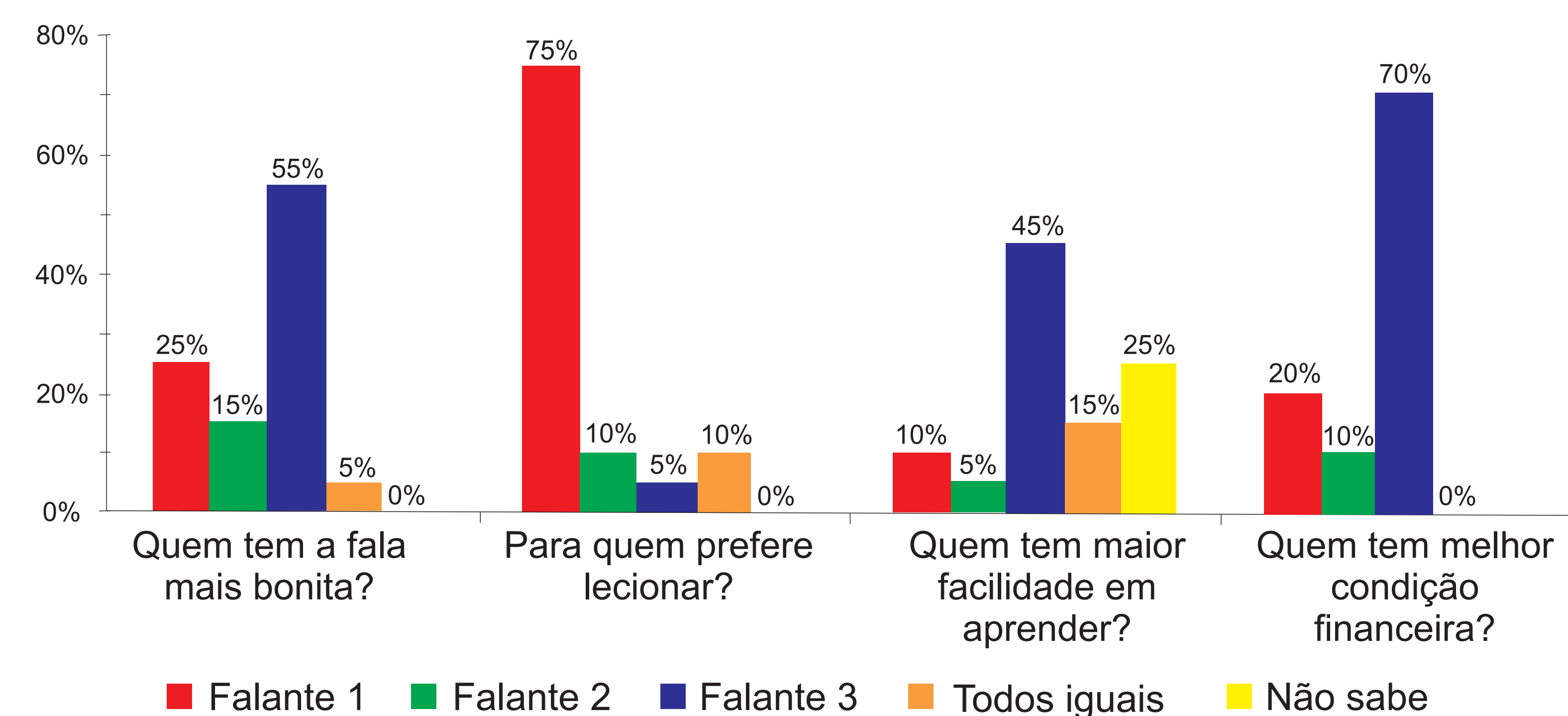
### DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A análise dos dados coletados indicou que, para a maioria dos licenciandos de Pedagogia sujeitos de nossa pesquisa, as diferentes variedades sociolingüísticas do português brasileiro não se referem apenas a simples diferenças no modo de empregar essa língua, mas que uma dessas variedades seria qualitativamente melhor que as outras. Essa variedade é justamente aquela que é chamada e considerada a “norma culta” da língua nacional.

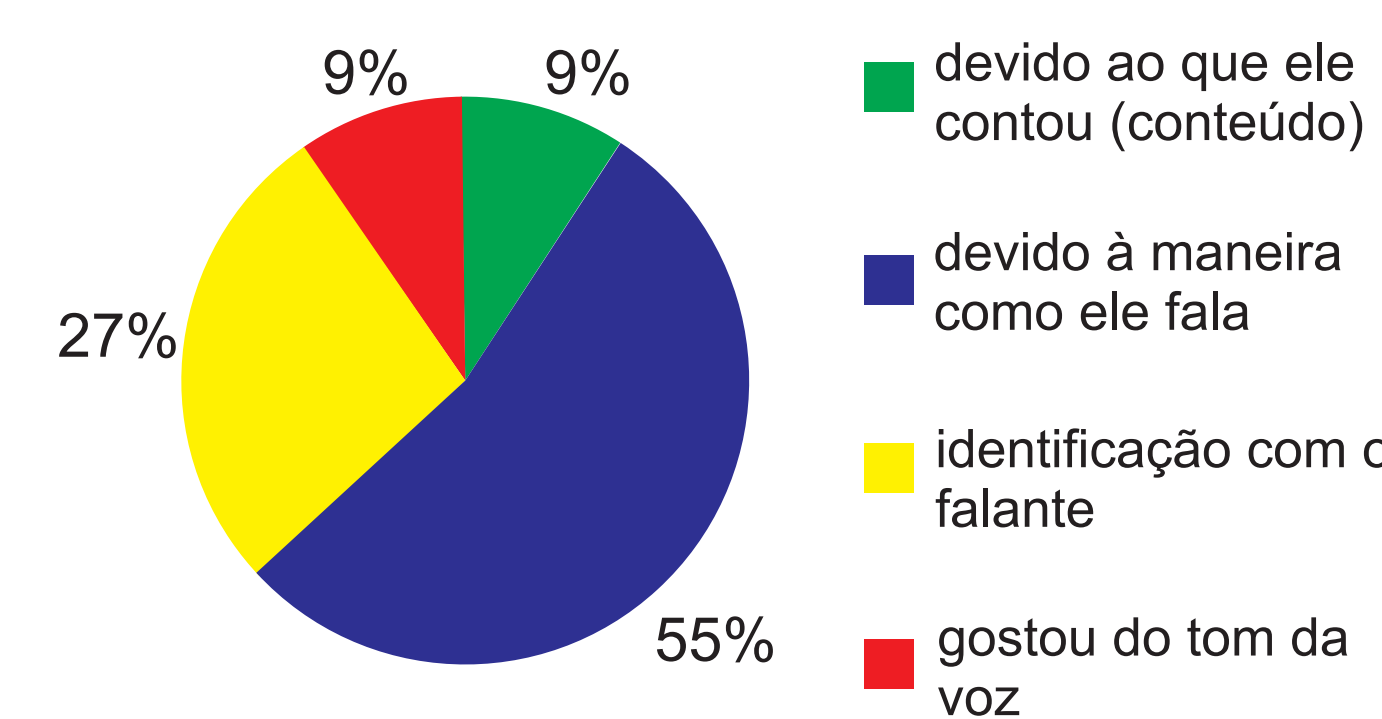
A partir dos resultados apresentados, pudemos enxergar indícios da presença do preconceito lingüístico entre vários dos licenciandos do curso de Pedagogia da UNICAMP. Ao basearem suas respostas na maneira como os indivíduos falam, esses licenciandos estabeleceram relações, sem qualquer base objetiva, entre o grau de instrução, a profissão, a facilidade ou dificuldade em aprender, as condições financeiras etc. com a idéia preconceituosa de que quem não utiliza a norma padrão não tem uma boa condição financeira, alto grau de escolaridade e inteligência. Muitos dos entrevistados chegaram a afirmar que o terceiro falante teria mais facilidade de aprendizagem apenas pelo fato de sua fala se aproximar da norma “cultura” ou porque teria maior grau de escolaridade. Ao primeiro falante, cuja fala representava o que o senso comum afirma ser um “mau” português foi atribuído não só uma posição social econômica desfavorecida, como também foi questionada sua capacidade intelectual (dificuldade na aprendizagem). No entanto, nada disso pode ser afirmado simplesmente ouvindo uma fala.

Alguns poucos licenciandos demonstraram ter alguma consciência do próprio preconceito lingüístico, o que nos pareceu salutar, mas a maioria demonstrou nunca ter feito qualquer reflexão crítica sobre a questão. Sabemos, por depoimentos de alunos e professores, que a Faculdade de Educação da UNICAMP vem investindo muito no combate a toda sorte de preconceitos em seus cursos. Os licenciandos em Pedagogia, segundo esses mesmos depoimentos, lêem e discutem muito a questão das diferenças raciais/étnicas, de classe, de gênero etc. Os resultados do estudo exploratório que empreendemos parecem indicar, no entanto, que é preciso fazer investimentos também no que se refere ao preconceito lingüístico, de modo que os licenciandos de Pedagogia possam se despir dos próprios preconceitos lingüísticos que carregam e possam, em sua futura prática profissional, respeitar as diferenças lingüísticas e saber trabalhar com elas em suas salas de aula.

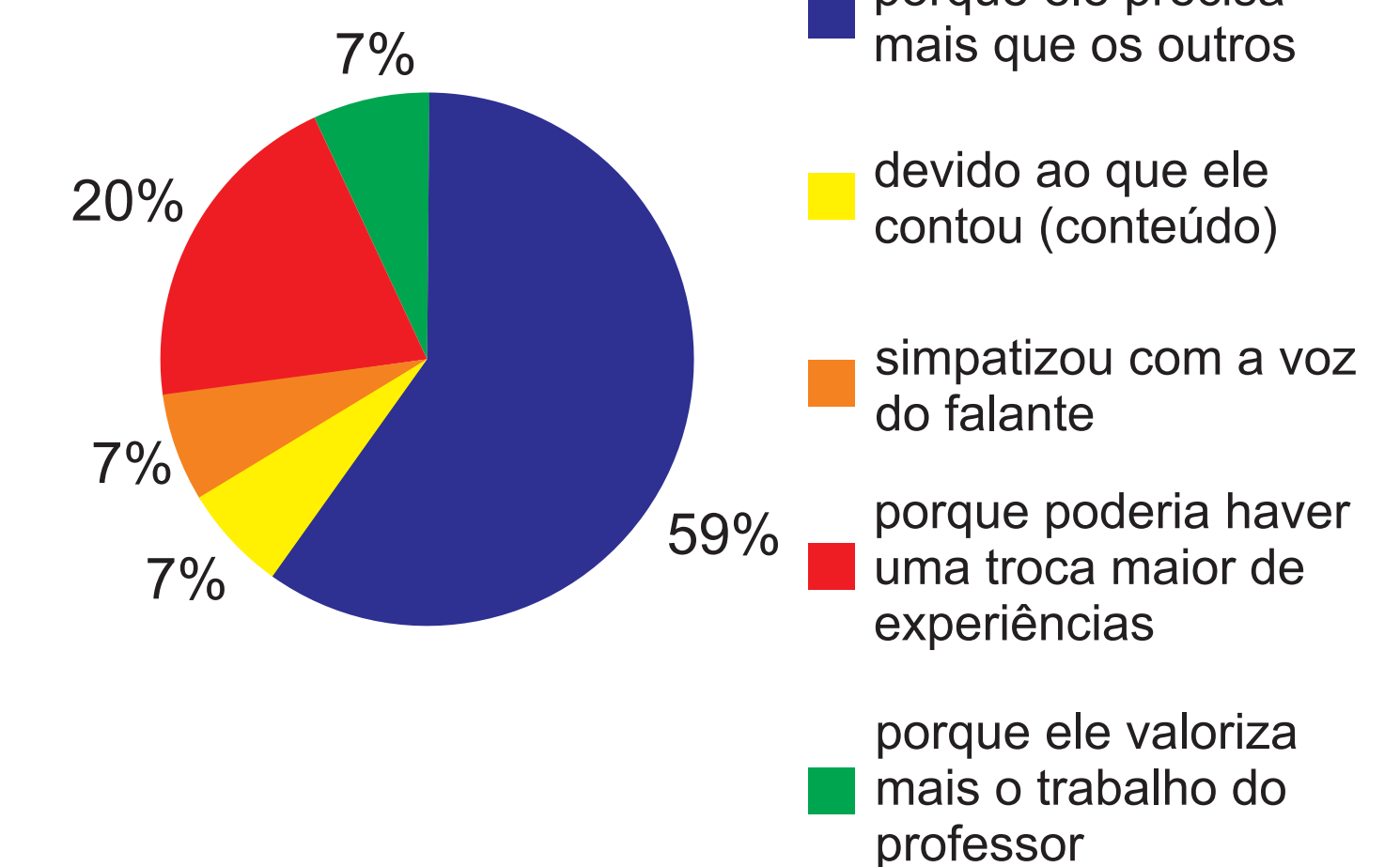
### COMPARAÇÕES



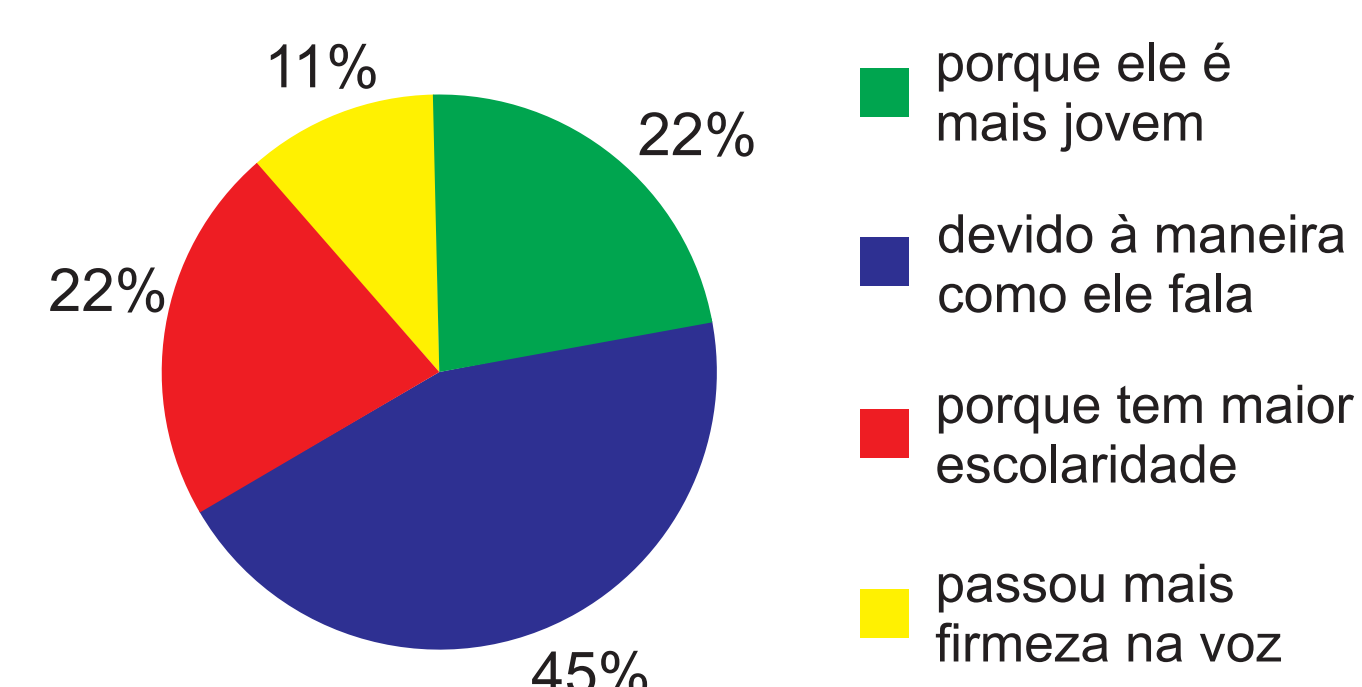
#### Motivo pelo qual afirmaram ser a Fala 3 a mais bonita



#### Motivo pelo qual preferem lecionar para o Falante 1



#### Motivo pelo qual afirmaram que o Falante 3 tem mais facilidade em aprender



#### Motivo pelo qual afirmaram que o Falante 3 tem melhor condição financeira

